

## **FUNCHAL CULTURA 2030: ESCRITA**

Realizou-se no dia 22 de julho de 2020 a quinta conversa, promovida pela Câmara Municipal do Funchal, no âmbito do projeto Funchal Cultura 2030, com vista à criação de um plano estratégico para a cultura do concelho, a pensar na próxima década.

A quinta conversa centrada na temática da escrita, contou com a presença de Ana Salgueiro, José Eduardo Franco, Maria Fernandes, Valentina Ferreira e Violante Matos. Como habitualmente tem acontecido nestas iniciativas, a conversa dedicada à escrita foi transmitida através das redes sociais do Município do Funchal, a partir da plataforma Zoom. Desta vez transmitida a partir da rede social da Biblioteca Municipal do Funchal, a quinta sessão foi moderada pela investigadora Ana Salgueiro que, após apresentar os restantes participantes, deu início ao diálogo e debate de algumas questões concernentes à escrita e à literatura.

Segue-se a Conversa dedicada à escrita e à literatura na Madeira, em particular, no Município do Funchal:

### **Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora**

Este ciclo de conversas que teve início em maio parece-me que é uma ótima oportunidade para, aproveitando esta paragem forçada, podermos partilhar ideias e refletir sobre aquilo que tem sido feito e sobre o que eventualmente não tem sido feito. E a partir desta reflexão e de partilha de ideias podermos construir a ideia fundamental que presidiu à criação deste conjunto de conversas, de pensar a cultura no Funchal na próxima década. A quinta sessão deste ciclo de conversas dedicada à reflexão em torno do que é a escrita e a literatura e aquilo que poderá vir a ser ou expectativas que eventualmente se possam neste momento criar, relativamente à escrita e à literatura também no Funchal, ou para o Funchal.

A título de introdução e de reflexão chamo a atenção para esta particularidade de o tema desta conversa não ser apenas escrita ou literatura. Justamente porque muitas vezes, às vezes até confundem duas coisas que são complementares, mas que não são a mesma coisa. Uma coisa é a escrita e outra a literatura. Nem toda a escrita é literatura e a literatura também não se reduz apenas a letras. Se formos à raiz etimológica de literatura, litera, a literatura é muito mais do que isso. Não esquecendo que a Madeira tem uma riquíssima

constelação de autores literários, mas que praticaram uma literatura que fundiu não só a letra, a palavra com a imagem, mas também a letra, palavra, com a sonoridade musical. Parece-me que fará todo o sentido não esquecermos esta dimensão mais material da literatura.

Gostaria de destacar aqui a tradição, em particular da poesia visual. Na literatura madeirense temos nomes muito relevantes da poesia visual: basta pensarmos em António Aragão, António Barros e muitos outros poetas que fazem parte de um grupo de poetas de carácter experimental, que tem essa particularidade de pensar a poesia não apenas como letra. Gostaria de chamar a atenção para três casos que parecem ser bem ilustrativos daquilo que lançaria como primeiro tópico, como desafio, que poderá ou não ser aproveitado:

- Uma exposição no MUDAS, no ano passado, intitulada “Este poema”, da artista plástica e poetisa Teresa Jardim. Foi uma exposição, mas foi também uma obra literária, se pensarmos que o próprio espaço da instalação da exposição permitia ler aquele espaço, mesmo como um conjunto de poemas.

- O caso do projeto “Vértice” que tem trabalhado de uma forma muito interessante, do ponto de vista do cruzamento entre poesia de autores madeirenses e criação musical contemporânea, a partir da recuperação dos cordofones madeirenses.

- A recente iniciativa de Diana Serrão com outros artistas madeirenses, o projeto “NAU”, que tem estado a ser divulgado pelo Teatro Municipal Baltazar Dias.

Começaria por aqui, deixando estas pontas soltas, que poderemos desenvolvê-las ou não. Lancei alguns tópicos para que, eventualmente pudessem ser aqui abordados.

### José Eduardo Franco (historiador, investigador, professor catedrático)

Esta iniciativa é muito interessante e o tema pertinente e complexo. Vou-me situar mais na área da História. Começo por reflectir a questão da escrita, que é muito interessante e pertinente. A escrita como forma de fixação de linguagem no contexto da macro história humana representou um salto em frente no processo da descoberta da escrita, e a prática da escrita e a complexificação dos sistemas de escrita, acompanharam e foram motor, em simbiose com o processo da complexificação das sociedades, do ponto de vista da escrita burocrática e governativa, do ponto de vista da escrita daquilo que é o pensamento, que se torna depois em termos daquilo que se idealiza em termos de sociedade e de homem. A ideia de passado, presente e futuro. A escrita exerce esse papel fundamental no salto

em frente civilizacional, no contexto da macro história humana, e torna-se na passagem daquilo que é comunicação oral para a comunicação escrita fixada. Permite criar um suporte, um novo instrumento de regulação e de fixação daquilo que é a linguagem humana e ao mesmo tempo de aprofundamento do pensamento humano. Desenvolvimento do pensamento humano nas suas diferentes complexidades. A escrita é uma forma de dizer o mundo, como sabemos. A linguagem é uma forma de dizer o homem, o ser humano, o mundo, mas também é uma forma de estruturar, de compreender e estabelecer uma visão da realidade. A escrita representou um salto na complexificação das sociedades humanas e das relações sociais, mas também representou um salto no desenvolvimento das várias áreas de intervenção e desenvolvimento de vários campos da cultura humana. Sendo a cultura um processo de criação de hospitalidade, a definição base da cultura, fundamentalmente, é o que resulta do processo de adaptação do Homem ao meio natural em que está envolvido, procurando que ele se torne hospitaleiro ao próprio Homem. Nesse contexto, esse processo de adaptação ao meio, criando condições materiais de sobrevivência, tornando esse meio que à partida é hostil ao ser humano, porque o ser humano, diferentemente dos outros animais, nasce desprotegido, nasce nu e incapaz de sobreviver ao frio, ao excesso de calor e defender-se dos perigos da natureza. Portanto, cria um conjunto de condições materiais para adaptar-se ao meio. Isto é o primeiro nível da cultura como civilização, que é a criação dos instrumentos materiais, para tornar o meio em que está inserido, hospitaleiro. Outro nível de cultura, que é outro nível de hospitalidade, de sentido. O homem quando nasce cria também aquilo que podemos chamar a hospitalidade do sentir. Isto é, criar um conjunto de referências que permitem encontrar sentido para a sua existência. Daí a dimensão do sagrado, da arte, da filosofia, do pensar o mundo para além da realidade visível. A escrita quando surge vai introduzir uma complexidade maior e vai permitir que esta dimensão da hospitalidade do sentido encontre um domínio de desenvolvimento e aprofundamento. A escrita é um instrumento extraordinário de cultura por excelência. A escrita é uma forma de dizer a nós próprios, como seres humanos, de dizer a natureza, o passado, o presente e o futuro, e de estabelecer um quadro, um horizonte de compreensão da realidade. Também a escrita é um factor estruturador e constrangedor, porque estabelece limites: ao pensamento, à linguagem, porque depois fica fixado como escrita, fica no quadro do limite das palavras, mas também com a possibilidade dessas palavras fixadas nos signos escritos poderem ser libertadas pela sua diversidade de sentidos.

Podemos dizer que há a escrita base, a escrita burocrática, que estruturaram as sociedades humanas e quando a escrita surgiu teve também este papel fundamental nas primeiras civilizações, ligada à questão do comércio, da regulação do comércio, das relações sociais, como escrita governativa e burocrática.

A escrita também foi importante como escrita do sagrado, daquilo que se entendia como o horizonte, a compreensão, a dimensão sacral do cosmos; aquilo que se entendia como sendo algo que estava para além, como forma de estabelecer uma religião entre o mundo humano e o mundo divino, ligado ao universo da religião, onde a escrita também tem um papel muito importante, ligada às liturgias religiosas e à forma de expressão da fé.

A escrita também como forma de arte: quando os escritos surgem, estão ligados também ao processo de arte. Os símbolos escritos são primigenamente simbólico-artísticos. Basta lembrar os hieróglifos e depois a sua evolução para uma fixação muito mais estruturada que se vai desligar dessa dimensão primigenamente artístico e depois para a codificação lógico-gramatical, já desligado desse universo simbólico. Na sua origem, cada signo está descrito uma dimensão simbólica que lhe deu origem. Neste sentido, temos a dimensão da escrita como arte e da escrita como produtora de arte e neste sentido, ligada ao universo da literatura, onde o simbólico, o filosófico e o artístico se ligam como procura da expressão máxima das profundidades do ser humano. De algum modo, a escrita literária propriamente, como alguns autores dizem, é a antropologia das antropologias e pode ser visto como uma forma suprema de arte, na medida em que a escrita literária, poético-literária se pode dizer, de uma forma extraordinária, as várias dimensões do humano na relação com o meio natural, com o cosmos em que está inserido.

Depois, há outros níveis de escrita, mais prático-operativa, ligado à escrita de ciência, da história e a escrita fundamentalmente, não esqueçamos que a escrita nasceu como fixação da memória. Antes de a escrita nascer, transmitia-se a linguagem oralmente, ou através de sinais, mas em plataformas que eram efémeras. Quando se contava uma história, se fazia um acordo entre pessoas ou entre comunidades, a não existência da escrita fazia com que isso ficasse apenas na memória, transmitida de geração em geração. O aparecimento da escrita é uma forma também de fixar e de tornar mais perene a memória de um acontecimento, de um acordo, de um contrato, de uma decisão, de uma história que se conta, de um evento que se quer recordar e, portanto, a escrita como memória é fundamental. A escrita fixa a memória de forma mais perene de uma realização humana, de um pensamento, de um dizer humano, de uma expressão. Seja ela de carácter mais terra-a-terra, como simplesmente escrever um contrato, um acordo de compra e venda,

como estabelecer um texto com uma dimensão mais profunda, mais polissémica, que a escrita procura fixar e perenizar.

Em suma, considero que a escrita é das expressões culturais mais extraordinárias do ser humano, dos maiores progressos, e que, no mundo actual, continua a ser um dos factores fundamentais de desenvolvimento extraordinário. Apesar de todos os meios, do desenvolvimento das tecnologias de comunicação, da internet, a emergência da nova civilização da imagem, apesar de tudo, a escrita continua a ser um fator de produção cultural importante das sociedades atuais, daquelas sociedades que ainda não tem escrita. Não esqueçamos isso. Mas, daquelas que nós conhecemos e que são aquelas que se tornaram preponderantes na história humana, a escrita continua a ser um fator fundamental de comunicação e de desenvolvimento das sociedades humanas. Basta ver a internet, que alguns diziam que a internet poderia ser o fim da escrita, o fim da leitura, etc., a escrita continua a ser um espaço onde imagem e palavras continuam a ser, cada vez mais, factores de expressão do ser humano, absolutamente extraordinário e em desenvolvimento, em turbilhão. Basta olhar para a Internet e a escrita aparece em turbilhão, nas suas diferentes línguas, expressões, estilos e tipologias. Foi uma das grandes conquistas da humanidade, a descoberta da escrita.

#### Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora

O Professor José Eduardo Franco lançou aqui muitos outros tópicos que suscitarão certamente a continuação da receção. Depois de ouvirmos todos os oradores teremos um momento para dialogar entre nós e também com o público.

#### Maria Fernandes (poetisa)

Sobre este ciclo de conversas e este Plano que a Câmara Municipal do Funchal tem estado a desenvolver, esta Cultura 2030, gostava de cumprimentar por esta iniciativa. Acho que é muito importante que se faça, finalmente. E estamos a falar só do Funchal, mas acho que é algo que deveria ser estendido a todo o território regional, que é a realização deste mapeamento cultural, desde levantamento do que é que existe, quem são as organizações que de facto têm estado a levar a cabo iniciativas de promoção e de realização cultural, em todas as áreas. Portanto, acho que é uma mais-valia e espero que daqui saiam conclusões, que venham ajudar à concretização de um planeamento cultural, que é tão necessário, e que se deixe de uma vez por todas de produzir eventos, espectáculos, de uma forma casuística e sem grandes horizontes no futuro.

Peguei na ideia que a Ana nos lançou, desta ideia de literatura e de escrita, e de que modo é que no século XXI se apresenta, de que modo é que nós leitores e autores, lidamos com a literatura e com a escrita na actualidade. Anunciou-se o fim da literatura, o fim do livro, com o advento da internet e isso está mais que provado que não aconteceu e não irá acontecer. O público, em geral, continua a preferir, o toque, o cheiro, a textura do papel...tudo isso como forma complementar ao conteúdo que lá está, que contém o objeto.

Por outro lado, assiste-se também à valorização do objeto do livro, como objecto de arte em si e deixando também a componente de ser apenas um meio de transporte de conteúdo. Penso que, em termos de projetos editoriais, é uma direcção que se tem estado a tomar e há cada vez mais projectos nesses moldes. Penso que é por aí que irá continuar. Isto valerá mais para as obras literárias. Em termos de literatura científica, que acaba por necessitar constantemente de actualizações, de revisões, aí se calhar, os formatos digitais, até podem ser muito mais vantajosos nesse aspeto.

A literatura, e no meu caso em particular, poesia, há pouca gente a ler, especialmente no género da poesia. Muita gente escreve, o que não quer dizer que toda a gente produza poesia. A poesia é feita de silêncios, de espaços, que requer uma solidão que é necessária para que haja reflexão, tempo para contemplar a própria obra produzida, e o quê que ela nos transmite. Os tempos são cada vez mais rápidos, a informação desenfreada, que nos entra todos os dias pelos olhos, pelos ouvidos, nos nossos écrans, o écran global. Todas estas circunstâncias levam a que haja cada vez menos vagar, menos tempo, menos disponibilidade do leitor para se entulhar a todo este ócio. Urge que haja este espaço. Para mim a poesia ocupa este espaço e oferece-nos esta possibilidade.

Todos nós temos as capacidades de criação, somos capazes de criar algo, de escrever um email mais elaborado, um texto com características mais estilizadas, mas nem todos seremos criadores artísticos. Isto leva-nos àquilo que é o atual mercado editorial e aquilo que é o acesso generalizado que existe na actualidade à edição. Esta diferenciação do que é o texto literário com características estéticas e universais que acaba por nos ligar, que acaba por pertencer a todos nós, leitores. Parece-me que há uma dificuldade de identificação daquilo que são os conteúdos artísticos e daquilo que é uma mera escrita, porque alguém decidiu que queria escrever e publicar algo. O que nos leva à questão da educação e da formação. Portugal não é um país de leitores. Passamos de ser analfabetos para a escolaridade obrigatória no 12º ano. Não tivemos uma fase intermédia, como outros países tiveram, da fase da leitura. Isto acaba, ainda na actualidade, por fazer de nós um

país que lê muito pouco, que tem pouco sentido crítico, pouca apetência para a identificação das características estéticas artísticas, no texto literário. Enquanto isto não se alterar, dificilmente haverá mais leitores e qualidade nos materiais que são publicados. O que me faz pensar um pouco naquilo que tem sido o declínio da crítica literária nas últimas décadas. Quando se fala neste declínio da crítica e mesmo na forma negativa como os críticos são olhados, também relacionando com uma crise que existe na comunicação social, no jornalismo. São aspectos que se encontram interligados. Não sei qual é a forma de contrariar estas questões. Penso que em termos de poder público, aquilo que é a realização de eventos, que sejam mais destinados e orientados aos conteúdos em detrimento do entretenimento e que haja uma diferenciação nestes conceitos. Há uma grande confusão entre cultura e entretenimento, em que se acha que a cultura que é para entreter e depois as pessoas já não vão a um concerto porque acham que não têm paciência para ser entretidos. Dificilmente estas condições são alteradas.

O mercado editorial na Região é praticamente inexistente. O que existe é de muito difícil acesso. Não só pelos custos exorbitantes das publicações, mas, até porque o próprio livro em si, em termos de qualidade estética, é muito reduzido. Faço o juízo tendo em conta de que um autor, na Madeira, dificilmente será acarinhado por um editor da Madeira. Sabemos que, na área literária, especialmente na poesia, não se vende. Vendem-se livros nas apresentações. Esta consciencialização pública da massa, do público em geral, para a importância da leitura, e da literatura como forma de questionamento de si próprio e do mundo, tem de ser de alguma forma estimulada e isso também leva-nos aos exemplos que deste, Ana, quando falaste em vários projetos de divulgação poética, esta forma de difusão da poesia através de diversas expressões artísticas, nos audiovisuais, na música, etc. Penso que pode ser uma das formas que pode ajudar à difusão da poesia, neste âmbito em particular. Esta importância da troca, dos bens simbólicos, terá de ser de alguma forma valorizada e acarinhada. Seja até pela criação de projectos literários, concursos que possam, com rigor, com critérios estabelecidos, premiar trabalhos que sejam de valor. Por exemplo, aliando a literatura com o turismo, com a criação de roteiros literários. Não me refiro a roteiros literários destinados só ao público estrangeiro, mas também ao público de cá. Porque faz-se muitas coisas para quem vem de fora, esquecendo de quem está cá que, na maior parte das vezes, está a financiar o que é produzido e criado, mas que acaba por ficar de fora de uma fruição, porque não lhe é dirigida.

### Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora

Acho que já nos deixaste aqui “pano para mangas” e espero depois podermos ter tempo para conversar sobre estas pistas.

### Valentina Silva Ferreira (autora e formadora)

O meu contributo aqui será feito enquanto mulher que escreve desde muito nova, que começou a publicar aos 21 anos, e que sabe as dificuldades que uma jovem autora enfrenta para conseguir entrar no mercado literário, especialmente da Região. Sinto que ainda preciso desmistificar a ideia do escritor isolado, enquanto ilha, de um ser que é quase divino, que se fecha entre quatro paredes para a produção literária, e após a saída do livro para o público, permanece no seu casulo, sem precisar de interagir com ninguém. É claro que existe e continuará a existir, mas é necessário compreender os outros tipos de escritores e de escritoras. É preciso afastar a ideia do escritor fechado, sisudo, que não interage, como fator de qualidade. Há escritores, jovens ou não, com muita qualidade, e que trazem outras características, talvez mais terrenas, de maior contacto com o público. Muitas vezes empenhados em determinadas causas sociais, ambientais e animais, às quais aliam a sua escrita, mas que por não conservarem essa tal imagem que descrevi anteriormente, muitas vezes são taxados como escritores menores. Na minha opinião, os sectores públicos e privados têm um papel fundamental na aproximação de quem escreve a quem lê, mas também na aproximação dos próprios autores uns dos outros. Isto porque eu tenho compreendido, ao longo da última década que não somos nem devemos ser, enquanto profissionais das letras, rivais uns dos outros. Pelo contrário, tem sido provado que a união de profissionais, em qualquer área, só acresce maior proximidade com as pessoas, maior visibilidade, seja individual, seja em grupo, e melhor divulgação dos trabalhos desenvolvidos. Exemplo disso têm sido os vários eventos que tem acontecido de forma sistemática nos últimos anos e a maior parte deles organizados pelos próprios autores. Posso falar sobre a poesia que o Jorge Ribeiro Castro vem fazendo ao longo dos últimos tempos e as tertúlias literárias que têm acontecido também nos últimos anos por toda a Região. Enquanto dinamizadora e participantes dessas tertúlias literárias, juntamente com o Jorge, o Bruno, a Natacha, e a Joana Martins, nós temos sentido que essa proximidade entre autores e entre autores e público. Tem sido benéfica em vários sentidos. Primeiro, as pessoas fazem-nos perguntas. Podem fazer-nos perguntas porque estamos ali no mesmo patamar. Podem sugerir, fazer críticas, e sentem mais motivação para ler géneros que, à partida, se calhar não iriam ler. Da nossa parte, somos incentivados



a escrever, a continuar a escrever, somos ouvidos e somos lidos, que é no fundo, o que qualquer um de nós, enquanto autores, quer que aconteça.

Por outro lado, acho que seria importante incentivar a leitura e a escrita nas escolas, mas saindo um pouco daquela bolha do que são as obras recomendadas, e muito bem, mas acho que deve-se começar a apostar no alargamento daquilo que chamaria das horas para a criatividade. Ou seja, deixarem ajudar as crianças imaginar, sonhar, desenhar, escrever, pelo simples privilégio de ver introduzidos os seus imaginários em papel. Acho que é meio caminho andado para uma postura de leitora na cidade e nas vindouras. Falo pela minha própria experiência, enquanto criança que sempre foi incentivada a escrever, sem qualquer tipo de amarra. Tenho um projeto que dinamizo desde 2013, o projeto escrita fantástica, em que diante de algumas imagens, as crianças e os jovens constroem a sua própria história, do género fantasia, terror ou ficção científica. Naquela 1h e pouco, nós só temos de nos preocupar em imaginar e criar. Não é tempo perdido, pelo contrário. Acho que não há maior ganho que o poder da escrita e a capacidade que ela tem de unir as pessoas.

Por fim, gostaria de deixar algumas propostas para o panorama literário do Funchal da próxima década. Seria interessante, por exemplo, criação de bolsas literárias, mas que não exigissem tanta burocracia, como muitas bolsas que eu tenho acompanhado e tenho tentado concorrer e não consigo, por exemplo, porque fazem exigência de não termos qualquer contrato de trabalho, ou seja, temos de estar desempregados. A criação de intercâmbios literários, entre feiras do livro nacionais e internacionais, porque não apostarmos em enviar autores madeirenses a outras feiras do livro e recebermos autores de outros locais aqui na Região? A criação de residências artísticas para trocas de experiências, não só da literatura, mas também de outras artes. Por fim, valorizar os autores que não têm parado de escrever, mesmo quando nenhuma grande editora aposta neles, mesmo que os direitos de autor só sirvam para pagar uma conta por ano, e mesmo que muitos tirem da sua carteira para poder investir na sua carreira. Da minha parte, continuarei a escrever, pelo simples facto de não saber ser sem escrever.

**Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora**

Passaríamos a palavra à Violante para depois discutirmos tantas ideias

### Violante Matos (autora e professora)

Gostaria de abordar aqui duas ou três coisas e que têm a ver com a questão da escolaridade. O salto de escolaridade que o país deu de uma forma súbita, porque tinha de ser assim. As circunstâncias sociais, históricas e políticas eram condicentes com um país profundamente inculto, analfabeto, onde a capacidade de chegar ao fim da 4ª classe não era garantida para toda a gente. Foi urgente dar um salto. Quando há convulsões destas, elas evoluem naturalmente. Faltou e falta-lhe base. Entretanto, tivemos o advento da internet e mudámos sem darmos por isso. Qualquer escrita anterior àquela que fixa hoje em quase todo o mundo, daquilo que nós queremos que fique guardado, é uma escrita de símbolos, uma escrita de imagem. A escrita hieróglifo é uma escrita de imagem. A verdade é que voltamos hoje à presença excessiva da imagem em detrimento da escrita. Quando se diz que uma imagem vale mais que mil palavras é exatamente isso que, no fundo, estamos a fazer. A questão é que, para a grande maioria das pessoas, vale mais uma imagem do que uma descrição. E ainda não estou a falar de literatura, estou a falar de escrita. É exatamente por isso que nós vemos 500 *selfies*, mas nenhum apontamento de viagem. Toda a gente tira *selfies*, mas ninguém escreve qual é o ambiente do sítio onde a *selfie* foi tirada. Isso conta menos. Escrever conta menos. E, se escrever conta menos, isso significa que a escrita não está no primeiro patamar das nossas prioridades. Quando depois vamos às contas, que correspondem à leitura, à compra de um livro para o ler, ou à consulta do *tablet* para ler uma coisa qualquer, sabemos que o livro perde. Parece-me que nós temos aqui vários itens que terão de ser abordados, se queremos mudar a forma de tratar o livro, a escrita e aí a importância da política pública de cultura. E o caso mais premente, mais atual, do meu ponto de vista, na evolução das sociedades, é a política municipal, dada a proximidade do município em relação às pessoas. Acho que é uma entidade intermédia, embora evidentemente tenhamos ainda a Junta de Freguesia, mas, claro que não estou a falar da atividade científica, académica. Estou a falar da literatura, da escrita. Não me incomoda que se escreva muito, porque, se não houver muita escrita, não há literatura. Um livro não passa a pertencer à categoria da literatura se muita coisa não tiver sido escrita – bom e mau. A selecção vai ter de ser feita pela nossa capacidade crítica. Mas, esta depende de, se fomos ou não ensinados a pensar, a ter capacidade crítica, a intervir. Todas estas coisas, do meu ponto de vista, estão na base de uma efetiva dificuldade de termos livros na mão. Se fizermos um exercício, de ver quantos jovens andam na rua com um livro, ou com um *tablet* na mão – isto é um indicador. Este indicador terá de ser modificado com intervenções públicas, em particular, a nível de

município. A cultura é tudo. Não tem uma carga elitista. Pode ser ouvir uma ópera, mas também pode ser ouvir uma banda musical, porque há cultura popular. Esta diferenciação tem de ficar muito clara, porque senão começamos a menosprezar áreas de intervenção cultural popular que têm muita importância, porque elas também estão ligadas à História, à Matriz, à Identidade dos povos. No fundo, estamos a falar de formação, de educação. O que me preocupa, não é a forma como os leitores olham os livros. Preocupa-me a forma como os não leitores não olham para os livros. A verdade é que a questão do ensino é muito complicada. Por exemplo, a forma como se dá Camões ou Eça, as coisas têm de ser dadas de uma forma que motive para se ser leitor. Gostar de ler, forma-se e aprende-se. Se não se for um leitor, jamais será um escritor.

Não gosto de ler num ecrã, especialmente um artigo científico. Eu imprimo, leio e estudo. O científico tem de ser tomado notas. As coisas evoluem e temos de ir ver como é que foi há 5 anos atrás. E é melhor ter o papel, do que depois andar à procura na internet, porque já não se encontra com facilidade. O suporte papel é uma grande conquista, muito mais duradoura do que o suporte papiro ou suporte pedra. Há uma competição muito grande entre o digital e o suporte papel. Esta competição é prejudicial para a leitura e para a escrita. Naturalmente, a possibilidade de termos a criar grandes peças de literatura, reduz-se. A importância da escrita, parece-me que está a começar a ceder terreno à presença, novamente, de uma imagem, com um suporte virtual. Do ponto de vista das consequências para a nossa relação com as letras, com a escrita, não tomo por garantida, se os poderes políticos não assumirão um papel realmente importante.

**Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora**

Pegaria nesta última expressão da Violante para fazer a ponte para a segunda parte da nossa conversa. Diria que, nesta primeira intervenção individual, aquilo que cada um de vós esteve a fazer, basicamente, foi uma espécie de diagnóstico, a sinalizar algumas das questões que, por um lado, vos podem suscitar maior preocupação neste momento, quando pensam a questão da escrita e da literatura, não só no Funchal, mas também no Funchal. E aquilo que eu gostaria agora que acontecesse era que, a partir de apontamentos que possam ter surgido, pudéssemos, no decurso deste diálogo, poder equacionar propostas, alternativas, para aqueles que foram os problemas, alguns de vocês já fizeram isso, mas de uma forma mais consistente. Há aqui uma série de problemas, não sei se algum de vós queria começar por comentar e depois partíamos para um momento de diálogo mais consistente, em que poderíamos deixar alguma mensagem construtiva, de

uma forma mais clara para o Município, no sentido do desenho que eles gostariam de eventualmente realizar, no âmbito de uma política cultural para a escrita, literatura, leitura e livro.

Começo por fazer algumas pontes e começo pela Violante, em relação a aspetos que foram também abordados por outros convidados. Há uma questão, também abordada pela Valentina, quando ela dizia que era necessário aproximar os leitores dos autores e aproximar os autores dos leitores. Essa aproximação poder-se-ia fazer por uma espécie de aproximação do discurso do autor àquele que seria o discurso do eventual leitor. Pessoalmente coloca-me algumas reservas, porque considero sempre que, sendo apologista de uma aproximação, acredito que não tem de ser obrigatoriamente orientada nesse sentido. É possível também fazermos outro percurso. Julgo que uma das preocupações que a Valentina abordou tem a ver com o funcionamento de um sistema literário. Como é que funciona esta área da escrita/literatura na Madeira e não só? A Valentina chamou a atenção para a existência de modelos daquilo que deveria ser a literatura, que são valorizados, e outros modelos do literário, que não são valorizados e respeitados. Essa questão também foi abordada pela Violante quando referiu que, para que haja literatura é preciso que haja muita escrita.

Outra ideia, que deixaria para comentarem, que é, pensando a literatura e a escrita como uma realidade plural que, num sistema literário como o madeirense, apesar de limitado, reduzido em termos de dimensão, de leitores, escritores, editores, etc., tem uma existência, será que, quando nós pensamos nesta ideia de que há a elite e depois há os outros, não nos estaríamos a esquecer que é fundamental que exista essa pluralidade e a pluralidade que hoje diz que a elite é uma coisa e que a margem é outra, não significa que amanhã essa mesma elite, aquilo que num determinado momento, aquilo que é valorizado por um determinado grupo, detentor de maior acesso cultural, de maior poder de intervenção cultural, não significa que, no momento seguinte essa hierarquia seja questionada. Parece-me ser muito salutar que haja essa pluralidade. Julgo que uma das coisas que às vezes falha é tentarmos esconder essa pluralidade.

A Maria referiu a necessidade da crítica. Acho que é fundamental, uma crítica que não tem de ser obrigatoriamente uma crítica jornalística da década de 40 e 50 das publicações periódicas da altura, que davam cabo ou endeusavam escritores. Há outra forma de fazer crítica. Julgo que aí, a crítica académica pode ser muito importante em termos de valorização ou de chamada de atenção, para algumas fragilidades que algumas obras e que alguns livros e alguma escrita possam eventualmente apresentar. Não esquecendo

que aquela será uma crítica de um autor num determinado momento, numa determinada instituição, que essa crítica não é a única possível.

Acho que a Maria também fez referência a isso e julgo que a Valentina também, a necessidade de existir, ou a mais-valia que poderia representar a existência de um apoio, que não fosse apenas um apoio no sentido de pagar a edição de um livro. Que fosse a criação de uma estrutura que tivesse júris, que não teriam de ser obrigatoriamente sempre os mesmos, mas que houvesse um regulamento consistente que permitisse essa avaliação. Aí teríamos outro tipo de crítica.

Também a questão da circulação, como a ideia de criação de residências literárias, de apoio à circulação de autores e à divulgação de obras produzidas no contexto do Funchal ou da Madeira.

Deixaria então para vocês pudessem comentar estas pontas soltas.

**Violante Matos (autora e professora)**

Acho que quem começa a escrever, a pintar, a aprender música... como é que dá acordo de si? Como é que diz: eu escrevi este livro, como é que se põe isto à venda? Onde é que se faz isso? Quem é que, por exemplo, pinta uns quadros, chega a uma galeria e diz que gostava de expor? Quem corre o risco de montar uma exposição, que custa caro, e não vender um quadro? Quem é que vai assumir os custos? O galerista? O jovem que acaba o Conservatório, e quer mostrar que sabe tocar saxofone, onde é que vai? Oferece-se ao primeiro hotel, que já tem um nome e músicos?

**Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora**

Acho que quem está a começar deveria vir para a internet.

**Violante Matos (autora e professora)**

Mas, qual é o retorno da internet? É muito pouco. Provavelmente há milhares deles que fazem o mesmo. Como estamos a falar do Funchal, acho que, ao Funchal seria de toda a utilidade a existência de uma estrutura multidisciplinar, onde eu pudesse dizer: eu tenho este livro, posso mostrá-lo? Aqui está um apoio municipal, um apoio público que pode abrir mais facilmente portas, do que chegar a uma livraria ou uma galeria, ou a um sítio onde se toque música e que diga, estou aqui, acabei o Conservatório, acabei o meu primeiro quadro ou escrevi o meu primeiro livro. Nunca ninguém saberá se toca bem, se pinta bem ou se escreve bem, se não passar pelo crivo da leitura, da audição ou do visual.

Esta estrutura multidisciplinar podia ter uma função muito importante para além dos júris e das selecções.

#### Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora

Essa é uma questão que eu acho muito interessante. Voltando à questão do retorno, a questão do retorno financeiro, porque há um trabalho. A ideia de que o artista, o criador, não precisa de dinheiro para pagar as contas...

Acrescentaria aqui outro tipo de retorno, que é importante ao nível destas infra-estruturas, que é o facto de nós publicarmos um vídeo com a gravação de uma performance musical no Youtube, obviamente que há um retorno em termos de comunicação. Se, aquilo que nos preocupa neste momento é, sobretudo, permitir quem está a começar possa crescer, seguindo as suas escolhas, mas podendo conhecer opiniões alheias, este tipo de infra-estruturas aproxima criadores, leitores, público, outros artistas, visitantes, etc. Deste diálogo pode surgir o retorno que é incalculável e que fará muita diferença relativamente àquilo que é o estádio inicial de quem está a dar os primeiros passos nas áreas criativas.

#### Violante Matos (autora e professora)

Uma coisa é o olhar e conversar, outra coisa é receber uma mensagem a dizer que gostei muito do seu trabalho... o olho, o cheiro, o tato, para mim funciona muito.

#### Maria Fernandes (poetisa)

Pegando no que se estava a dizer sobre a internet: a internet não pode ser vista como um meio de depósito de conteúdos. Tem de ser vista e utilizada como uma ferramenta para ser utilizada em termos integrados, de comunicação, de divulgação. Falo como uma pessoa que já dinamizou um periódico de poesia e de fotografia *online* e houve um retorno.

Discordo com a ideia do escritor solitário. Não acho que uma obra seja melhor ou pior por um autor se dar ou não com os leitores. A obra tem de falar por si. Não acho que o autor tenha de explicar a sua obra. Quando se gosta muito de um autor, por exemplo, idealiza-se que aquele autor é tão boa pessoa quanto a obra que escreveu. Depois as coisas não são bem assim e há uma enorme desilusão. Há esta grande confusão, especialmente nos dias que correm, em que os criadores, de qualquer área, vêm-se muitas vezes prejudicados pelas suas próprias opiniões. Também não me parece que as coisas se dividam entre elites e margem. Acho que, novamente são sempre os conteúdos criados,

que têm eles próprios que marcar a posição daquilo que significam. O julgamento será feito pelo público, pela crítica, pelos académicos, pelos estudiosos e ao criador irá competir apenas criar.

#### Valentina Silva Ferreira (autora e formadora)

Se calhar não expliquei bem aquilo que queria dizer, quando eu falo na aproximação de autor/leitor. Não é necessariamente termos de explicar tudo o que escrevemos, ou porque é que escrevemos de determinada forma. É para proporcionarmos estes momentos, em que os leitores podem ver-nos e conversar, e eles próprios podem fazer as suas sugestões. Temos uma conversa entre todos, em que deixamos de ser o escritor do livro que tem na biblioteca deles, e passamos a ser uma pessoa que tem as suas ideias, que pode ou não partilhá-las, mas que existe. Não é aquela pessoa que está fechada. Eu também escrevo sozinha e também não gosto de estar a falar em público muitas vezes.

#### Maria Fernandes (poetisa)

Nesse aspecto posso dizer que é essencial e muito importante a solidão da criação. Já tive experiências contrárias, que é escrever diretamente para alguém, para um desconhecido, na hora, em modo de escrita instantânea. Ambas as formas são muito gratificantes. Especialmente quando se consegue criar uma relação de identificação entre a obra e o trabalho que está a ser feito e o interlocutor. Isto parece-me muito mais válido, do ponto de vista de relação autor/leitor.

#### Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora

Uma das questões que tem sido aqui abordada é a de mudança de paradigma tecnológico, ou seja, de um tempo em que a escrita e a literatura eram sobretudo materializadas num suporte que era o livro. Temos aqui algo que mudou e, como qualquer mudança, há sempre um momento de receio, medo, questionação, ajustamento. Há aqui muitas vezes algum problema na articulação entre poder da palavra, poder da escrita, da literatura e da imagem. Há um período anterior a tudo isto e que também se verificou uma mudança de paradigma, como referiu o Professor José Eduardo Franco. A passagem de uma sociedade ágrafa para uma sociedade da escrita.

A escrita trouxe também alguns desafios e alguns problemas que se mantiveram até aos dias de hoje, que tem a ver com a questão dos limites. Apesar de toda a valência e de todo o poder e de todos os contributos válidos que a escrita nos trouxe, ela também constitui

um limite, porque cristaliza uma determinada memória, um determinado discurso, que depois durante muito tempo foi tido como o conhecimento, a memória, o discurso. Foram-se esquecendo outros discursos, outras memórias, outros conhecimentos, nomeadamente aqueles que pertencem a um universo dos que não têm acesso à escrita, à leitura, mas que nem por isso são destituídos de cultura e por vezes de uma cultura riquíssima. Não sei até que ponto esta anterior mudança e a reflexão sobre aquilo que foi, de facto, essa anterior mudança, nos poderá ou não ajudar a compreender a mudança que nós estamos neste momento a viver. Até que ponto a reflexão do que se passou num tempo recuado pode nos ajudar a compreender e a encontrar soluções para problemas que a mudança agora, a implementação possa estar a suscitar.

### José Eduardo Franco (historiador, investigador, professor catedrático)

Estamos a tocar num campo muito complexo e que tem muitas faces, muitas dimensões. Claro que a escrita foi uma forma de progresso, de desenvolvimento extraordinário, mas também foi uma forma de confinamento e de limitação. Especialmente quando a escrita foi usada como um instrumento de poder. Quando se fixou aquilo que foi escrito numa determinada época, como cânone intocável para determinar comportamentos, formas de estar e de atuar em sociedade que nunca mais podiam ser alterados. Quando houve uma espécie de sacralização do que foi escrito. São questões que se levantam, em que a escrita pode se tornar um instrumento de fixação, ou de limitação, de confinamento e quase de estabelecer fronteiras para não se ir mais além. Estamos a falar dos vários níveis de escrita que temos de considerar. O importante é salientar que a escrita é uma forma de fixação de uma memória, de uma linguagem, de uma arte, de um pensamento humano e que deve ser dinâmica. Quando a escrita se usa para limitar e não para desenvolver, torna-se um instrumento de anti progresso e de imobilização. O exercício da escrita e o desenvolvimento da escrita como competência humana é algo extraordinário e importante a vários níveis. É importante que hoje seja uma competência, o mais democratizada possível. A escrita só se desenvolve numa ligação simbiótica com a leitura. Não se pode escrever muito sem ler bem. O processo da escrita está sempre em diálogo com a leitura daquilo que já foi escrito. A escrita pode e deve ser recriada, mas neste diálogo entre leitura e atividade de escrita. No ensino é fundamental que estes dois exercícios sejam potenciados, estimulados o mais possível.

Outro aspecto que se falou, hoje em dia fala-se muito da civilização da imagem e agora com as novas tecnologias, existe uma proliferação de imagens de uso fácil. Desde o



processo de captação de imagens pelo telemóvel, uma democratização massiva da fotografia e capta-se toda a realidade que é fotografada. Mas, ela não está explicada, nem interpretada. A linguagem oral e escrita é um instrumento importante de interpretação. Naturalmente, que a imagem vale por mil palavras, mas se não formos capazes de explicar essa imagem em mil palavras, é sinal que estamos empobrecidos. Hoje há um empobrecimento da parte de quem recorre à imagem e também uma certa preguiça. Difunde-se as imagens, mas não se escreve nada, porque isso dá trabalho. O exercício da escrita é como a prática desportiva: exige treino, preparação regular e exercício diário. A escrita pode ser uma forma de prazer. Mas até chegar a ser um prazer é preciso muito esforço e muito treino para que depois ganhemos o gosto pela escrita. Não incentivar a escrita é uma forma de empobrecimento cultural, espiritual e até, mental. Neste sentido, o desenvolvimento e competências de escrita entre os jovens deve ser uma preocupação fundamental dos professores, na escola, nas universidades, através de técnicas pedagógicas que se podem usar e incentivar. Desde a escrita de um diário, estimular os jovens a terem práticas de leitura e de escrita quotidianas. Do ponto de vista social, criar oficinas de escrita e arranjar formas dessa escrita se tornar visível socialmente e ser destacada e premiada, como forma de desenvolvimento, de crescimento, de aprendizagem, daqueles que estão em fase escolar, especialmente. Dizer que a escrita está a acabar ou que a imagem vai superando a escrita... é importante a imagem e a escrita, elas devem estar em diálogo. As imagens só podem ter significado se forem explicadas. A escrita é uma forma de explicar estas imagens.

Olhando na grande história, no início das grandes expressões de cultura humana, havia as pinturas rupestres, antes do desenvolvimento da escrita. Quando apareceu a escrita para explicar essas pinturas, houve um salto em frente. O domínio da escrita é um fator de progresso humano fundamental, que a imagem não pode comportar, nem substituir. As duas são fundamentais.

**Ana Salgueiro (investigadora) – Moderadora**

Gostaria de agradecer a participação de todos e tentar fazer aqui um apanhado de algumas ideias que ficaram como propostas ou como sugestões para que o Município possa refletir, quando estiver a pensar em qualquer tipo de atividade, apoio, de uma política para a escrita e para a literatura, no Município do Funchal. Uma das ideias que ficou foi, que é fundamental continuar com este tipo de encontros e de partilhas, porque daqui podem surgir outras abordagens, outras formas de pensar os problemas.

Outra questão foi a necessidade de criar uma infra-estrutura que apoie a criação e a divulgação, seja junto de escolas ou de leitores do próprio Município, seja junto de visitantes, ou de outros leitores, outros públicos, fora da própria ilha. Surgiram aqui ideias como a criação de bolsas, de intercâmbios entre criadores literários de cá e de outros lugares, no âmbito de feiras, festivais, dedicados ao livro e à literatura e à leitura.

Uma das fragilidades apontadas é a do mercado editorial madeirense. Há uma enorme dificuldade no acesso às editoras e de publicação dos autores locais e também na distribuição dos livros editados aqui. Seria muito interessante, por exemplo, criar um espaço onde seja possível tornar acessível ao público, aquilo que vai sendo editado cá.

Outra fragilidade é a questão da crítica, que neste momento não existe na Madeira, nem em lado nenhum, em termos de publicações periódicas. Poderá ser fomentada pelo Município através de outros instrumentos, com a criação de prémios, devidamente regulamentados, promovidos e divulgados. Se calhar, não apenas destinados a madeirenses ou funchalenses, mas também abertos a outros tipos de escritores, de outros lugares. O apoio à edição ser um apoio criterioso, analisar a proposta e verificar se tem validade e é merecedora desse investimento do Município. Os avaliadores não têm de ser sempre os mesmos para criar uma maior democratização.

E também uma maior aproximação às escolas. O Município pode desenvolver programas de articulação com as escolas e com os serviços educativos de algumas instituições culturais na Madeira, que possam também ajudar a superar algumas das fragilidades que foram aqui apontadas, sobretudo a nível dos mais jovens.